

ANTROPOLOGIAS DA PAISAGEM: UMA APRESENTAÇÃO - VOLUME I

PEDRO CASTELO BRANCO SILVEIRA

THIAGO MOTA CARDOSO

EMÍLIA PIETRAFESA DE GODOI

O dossiê “Antropologias da paisagem”, que a *Revista Ruris* traz em dois volumes, é o resultado de reflexões, debates e experimentações procedidos nos últimos anos por pesquisadores que, de diferentes maneiras, têm trazido a categoria paisagem para a centralidade de suas análises antropológicas. O dossiê tem como antecedentes o compartilhamento recente de práticas etnográficas em diversos fóruns de pesquisa, dos quais podemos destacar grupos de trabalho e seminários temáticos nas últimas Reuniões de Antropologia da Ciência e da Tecnologia e Reuniões Brasileiras de Antropologia, além de um curso organizado pelo Ceres/Unicamp¹.

Paisagem é um conceito que adquire diferentes sentidos nos diferentes campos de estudo nos regimes de conhecimento ocidentais. Esta pode ser concebida, por exemplo, como: a topografia e a forma da terra de uma região determinada, a matriz florestal e hídrica de uma região, o terreno em que vive um povo, o fragmento de terra que pode ser visto de um mirante, ou o significado e representações deste conjunto natural para quem a contempla ou a vive (OLWIG, 2009; BESSE, 2006; BERQUE, 1991; DESCOLA, 2012). A paisagem se coloca ontologicamente, portanto, como um objeto do mundo real, como uma experiência visual ou como representação da totalidade da natureza, e estes sentidos se mesclam (ELLISSON e MAURI, 2009).

Assim, o uso contemporâneo da noção de paisagem (natural) como totalidade do real compreende, de um lado,

1 Consideramos atividades motivadoras deste dossiê: a) o Seminário Temático “A ecologia política das paisagens mais-que-humanas: etnografias, engajamentos e práticas de conhecimento”, coordenado por Thiago Cardoso e Pedro Silveira na VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (REACT), em 2017; b) o Seminário Temático “Contaminações multiespecíficas: narrativas de mundos em ebulição”, coordenado por Nurit Bensusan, Henyo Barretto Filho e Thiago Mota Cardoso, na VII REACT, em 2019; c) o Curso “Experimentar antropologias ecológicas”, organizado pelo Ceres/Unicamp e ministrado por Pedro Silveira, em 2019; d) o Grupo de Trabalho “Antropologias da paisagem”, coordenado por Pedro Silveira e Thiago Cardoso na 32a. Reunião Brasileira de Antropologia, em 2020; e) o Seminário Temático Ecologia Política das paisagens mais-que-humanas: cosmopolíticas, alianças multiespécies e práticas de conhecimento, coordenado por Pedro Silveira e Emmanuel Almada, na VIII REACT, em 2021.

um substrato de impressão, a superfície terrestre tida como natureza, como uma massa plástica e, de outro, diversos agentes naturais e humanos dando forma e significado cultural a este substrato. Em outra chave epistemológica, num viés construtivista ou culturalista, paisagem pode ser considerada pelas representações ou significados atribuídos por determinada cultura, classe ou sociedade (COSGROVE, 1998). No plano de um relativismo cultural ou cognitivo a paisagem seria da ordem mental, verbal e textual, inscrita numa tela, num mapa, num fotograma (BESSE, 2006) ou na memória (SCHAMA, 2000). Assim, cada território seria afetado por qualidades paisagísticas de uma dada cultura, constituindo um constructo sociocultural. Ambas as possibilidades analíticas, seja o realismo universalista e o construtivismo relativista tratam de mobilizar práticas de conhecimento sobre a paisagem ancoradas em termos dos grandes divisores, como no dualismo entre natureza e cultura, ou entre paisagem natural e cultural, entre mente e mundo, entre sujeito e objeto e entre tradição e modernidade.

Paisagem, portanto, é uma categoria que tradicionalmente vem sendo compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Vista como um pano de fundo natural onde a vida social acontece, ou como uma resultante material das práticas culturais (simbólicas) humanas, tal conceito não forneceu um arcabouço analítico para os antropólogos até recentemente (SILVEIRA, 2007; CARDOSO, 2018).

Segundo Cardoso (2018), a concepção analítica de paisagem, apesar de sua utilização pela geografia e pela história das artes, ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, constituindo, conforme Elisson e Mauri (2009), um “objeto de discussão tardio”², mesmo que a disciplina tenha em suas origens, dentre outras influências, a de geógrafos humanistas e tenha dialogado com a geografia ao longo do século XX através de conceitos como espaço, lugar, território e ambiente

(GROSSMAN, 1977; COLLECTIF USART, 2008; PIETRAFESA DE GODOI, 2014). A ideia e a experiência de paisagem passaram a ser foco da antropologia no início dos anos 1980 e 90 (FELD E BASSO, 1996; CARDOSO, 2018). A partir deste período foram produzidas coletâneas importantes sobre os conhecimentos dos diversos povos e grupos humanos nos campos do que vem sendo chamado de antropologia da paisagem (HIRSCH e O'HANLON, 1995; FELD e BASSO, 1996). Muitos destes trabalhos articulam estas diversas temáticas atuando em diferentes regiões ou áreas etnográficas (HIRSCH e O'HANLON, 1995).

A paisagem aparece como uma abordagem controversa que têm como principais debates questões antropológicas sobre temas como representações sociais e relações de poder (BENDER, 1993; SALTMAN, 2002; MILTON, 1996), sobre a articulação entre os processos cognitivos, perceptivos e sensoriais dos modos de conhecer, bem como sobre as ontologias e teorias indígenas sobre o conhecimento e sua transmissão (DESCOLA, 1996; BASSO, 1996; JOHNSON; HUNN, 2012; INGOLD, 2000, 2011; SILVEIRA, 2009; 2011; CARDOSO, 2018), ou como provocação para tratar de processos discursivos-materiais de assembleias de muitas vidas (TSING, 2019; CARDOSO, 2018).

A partir do momento em que a antropologia passa a questionar dois de seus grandes divisores, sejam eles natureza/cultura e simbólico/material, a paisagem passa a não depender mais de uma lógica analítica de “figura e fundo”, e aparece como categoria interessante para abordagens processuais em etnografias que emaranham antropologia e ecologia. O trato dos grandes divisores ou dualidades do dito mundo moderno ocidental, quer seja entre espírito e matéria, mente e mundo, mente e corpo, natureza e cultura, subjetividade e objetividade, tradição e modernidade, perpassa muitas das questões relacionadas à reflexão antropológica sobre os processos ontoepistêmicos, ontogenéticos e políticos em torno da paisagem (JANOWSKI; INGOLD, 2012; INGOLD, 2000; 2012; 2015; JOHNSON;

HUNN, 2012; TSING, 2015; 2019; DESCOLA, 2019; RIVAL, 2007). Neste sentido campos como a etnoecologia da paisagem, história ecológica, o pós-estruturalismo, etnologia indígena, a antropologia rural, a antropologia da ciência, a antropologia fenomenológica, ecologia política e a etnografia multiespécie nos trazem contribuições teóricas relevantes para pensar o contraste entre as abordagens modernistas e relacionais sobre os conhecimentos tradicionais a respeito de paisagens, bem como suas configurações políticas ou cosmopolíticas. Estes campos servem de base para formulações teóricas de antropologias da paisagem.

Os artigos que compõem este dossiê refletem o momento em que, no Brasil, diversos antropólogos e antropólogas passam a experimentar as potencialidades da paisagem como categoria processual e relacional numa antropologia de socialidades mais-que-humanas. Neste espírito, o conjunto de artigos agrega pesquisadores e pesquisadoras em diferentes posições na formação acadêmica, apresentando artigos de profissionais de universidades e centros de pesquisa, com pesquisas provenientes de diversas situações etnográficas.

Paisagens aqui aparecem em movimento, entendidas por perspectivas ontológicas ou ontogenéticas, multiespécie e/ou produzidas em processos técnicos e ecológicos. Essa paisagem não-representacional pode então dialogar com outras categorias antropológicas ou mobilizadas pelos movimentos sociais, como por exemplo o lugar, o território, memória e o movimento (PIETRAFESA DE GODOI, 1998; SANTOS GRANERO, 1998; SAEZ *et al.*, 2004; ECHEVERRI, 2005; ESCOBAR, 2013; DE LA CADENA, 2015; VIEIRA *et al.*, 2015; IUBEL E SOARES-PINTO, 2017; CARDOSO, 2018).

O primeiro volume é composto por sete artigos. O artigo que abre o Dossiê, “Ações domesticadoras no Assentamento de Reforma Agrária 12 de Julho/RS”, de Larissa Mattos da Fonseca, vale-se do debate sobre domesticação, ancorado na antropologia

da técnica, para analisar a espacialidade da agrobiodiversidade produzida em um assentamento de Reforma Agrária. A categoria paisagem está implícita na análise, que articula espacialmente a diversidade técnica e a biodiversidade para descrever as relações entre humanos e certos vegetais, os radites, que desvendam diferentes práticas de forrageamento, plantio e consumo de plantas herbáceas que povoam as roças, capoeiras e mesas dos assentados e, por meio da análise da autora, reposicionam o debate sobre domesticação.

Bruno Campelo Pereira apresenta o artigo “Há vida entre sementes: produzindo (com) vegetais no Médio Juruá” como um experimento de escrita baseado nas ideias de Anna Tsing. Assim, recorre ao conceito de paisagens multiespécies (TSING, 2015) para nos levar a uma jornada pelo Médio Rio Juruá, região de onde provém sua própria família, para evidenciar assembleias que entrelaçam seres humanos e sementes oleaginosas de diferentes espécies. Estes engajamentos multi-específicos desdobram criticamente as relações envolvidas em um projeto de desenvolvimento sustentável em que participam uma empresa de cosméticos, cooperativas de ribeirinhos que remetem aos tempos da borracha, mercados transnacionais e sementes. O texto é entrecortado por narrativas de caráter literário que tem as sementes como protagonistas.

O artigo “O javali, o capim-annoni e as paisagens ferais do Brasil Meridional”, escrito por Caetano Sordi, também se insere no campo dos “debates ambientais”, tendo como foco as articulações em torno da noção de feral e seus efeitos em paisagens produzidas pela expansão de duas espécies exóticas invasoras: o javali asselvajado europeu (*Sus scrofa*) e a gramínea sul-africana conhecida como capim-annoni (*Eragrostis plana* Nees).

O texto de Sordi segue a proposta de autores como Tim Ingold para compreender a paisagem enquanto configuração temporal e dinâmica e, assim como no artigo de Bruno Campelo Pereira, dialoga com Anna Tsing, explorando alguma propostas

etnográficas desta autora como no entendimento da paisagem como relação entre seres vivos e não-vivos e suas associações com as infraestruturas humanas e seus projetos de modernização e sua abertura para a leitura da paisagem como composição criativa entre distintas trajetórias e fluxos vitais. O texto traz uma abordagem crítica sobre a gramática das espécies invasoras no debate sobre preservação da biodiversidade, sobretudo suas incômodas ressonâncias com o racismo e a xenofobia.

O artigo de Izadora Acypreste, “Entre a terra e o céu: os fluidos e as forças da vida na beira rio”, nos convida a pensar a paisagem juntamente com os quilombolas da beira rio do São Francisco. Com eles, mostra-nos a paisagem da beira rio se constituindo a partir das interações entre terras, águas, plantas, pessoas e outros viventes. Como insiste um dos interlocutores da autora, “água e terra são coisas vivas e possuem seus gestos próprios”. Também a agência da lua se faz sentir sobre plantas, terra, água, animais e pessoas. Dela depende a força para as plantas crescerem, o regime das águas que vêm, passam, caminham e fazem com que a terra cresça, diminua, se fortaleça, fazendo da beira rio uma paisagem viva e sempre dinâmica, movimentando pessoas e relações.

Adentrando nestas mesmas forças em movimento, mas com olhar aberto ao acionamento de outras sensorialidades, Lucas Coelho Pereira nos traz o artigo “Ouvindo no mangue: território e vida a partir dos sons”. O autor aciona os sons escutados e sentidos nos manguezais para perceber os entrelaçamentos entre viventes da Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba.

Seguindo os passos do diálogo crítico de Tim Ingold em torno da concepção de paisagem sonora, Pereira se propõe a entrar nos manguezais e se emaranhar com as densas raízes e a se enredar nos fluxos de vida de centenas de viventes, em especial do macaco-preto e do caranguejo-uçá. Neste itinerário de um etnógrafo em movimento, paisagens marinhas e estuarinas vão ganhando contorno através do entrelace sonoro que indica

engajamentos práticos de pescadores e outros seres, conformando um território pesqueiro.

Já o artigo “Paisagem em festa: a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes”, de Oswaldo Giovannini Jr., traz o conceito de paisagem para o campo da antropologia visual, ao acompanhar uma procissão fluvial no estuário do Rio Mamanguape, na Paraíba, numa etnografia fílmica em que gestos, corporalidades e sentidos acontecem com a paisagem. A paisagem está em festa, e assim apresentam-se corpos em movimento, “nu[s], vestido[s], dançando, tocando uns aos outros, comendo, bebendo, chorando, sorrindo e rezando”. Tais corpos humanos apresentam-se engajados na maré, que “emerge como o espaço-tempo das águas do mar que configura as vivências ordinárias e extraordinárias, que conecta as pessoas e, ao mesmo tempo, as coloca diante do inesperado e dos perigos do desconhecido”.

No derradeiro artigo deste volume, “Uma árvore de muita autoridade: o Buriti totêmico no sertão das gerais de Guimarães Rosa”, Mario Rique Fernandes se vale de suas experiências etnográficas no cerrado sertanejo de Terra Ronca em Goiás e de escritos de João Guimarães Rosa, sobretudo, de Grande sertão: veredas e de Buriti, um dos contos-novela da série Noites do sertão, para refletir sobre as relações sertanejos-palmeira buriti. O tratamento conferido à paisagem sertaneja por Guimarães Rosa e pelo autor do artigo distancia-se muito de uma abordagem naturalista, demonstrando, de maneira instigante, que a presença do buriti como sujeito/personagem nas histórias rosianas não é apenas uma questão estilística e literária, mas expressa a estreita conexão humano-vegetal que o autor experienciou no cerrado sertanejo.

Encerramos com o convite ao leitor e à leitora para adentrar as múltiplas dimensões e sentidos das paisagens trazidas nos volumes I e II deste dossiê.

REFERÊNCIAS

- BASSO, Keith H. *Wisdom sits in places: Landscape and language among the Western Apache*. UNM Press, 1996.
- BENDER, Barbara. Time and landscape. *Current Anthropology*, vol. 43, 2002.
- BERQUE, Agustin. *De paysage em outrepaïs*. Paris, Le Debat, 1991.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia*. São Paulo, Perspectiva, 2006.
- CARDOSO, Thiago Mota. *Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica Pataxó no Monte Pascoal*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.
- COLLECTIF USART. Géographie et anthropologie: deux regards complémentaires pour l'étude des territoires des populations traditionnelles d'Amazonie brésilienne. *Echogeo*, 7, 2008, pp: 112.
- COSGROVE, Denis. E. "The Idea of Landscape". In: *Social Formation and Symbolic Landscape*. Winconsin: The University of Wisconsin Press, 1998.
- DESCOLA, Philippe. *Landscape as transfiguration: Edward Westermarck memorial lecture, October 2015*. *Dwelling in Political Landscapes*, p. 235, 2019.
- DESCOLA, Philippe. *Más allá de naturaleza y cultura*. Buenos Aires, Amorrotu Editores, 2012 [2005].
- DESCOLA, Philippe. *La selva culta: ecologia simbólica y praxis entre los Achuar*. Quito, Editora AbyaAyala, 1996.
- DE LA CADENA, Marisol. *Earth beings*. In: *Earth Beings*. Duke University Press, 2015.
- ELLISON, Nicolas; MAURI, Mónica.M. *Introducción: Paisage, espacio y território: reelaboraciones simbólicas y reconstrucciones identitárias em América Latina*. In: Ellison, N. & Mauri,

M.M.(coord.). Paisages, espacios y territorios. Quito, Editora AbyaAyala, 2009, pp.732.

ECHEVERRI, Juan Álvaro. Territory as body and territory as nature: Intercultural dialogue. The land within: indigenous territory and the perception of the environment, p. 234-250, 2005.

ESCOBAR, Arturo. Notes on the Ontology of Design. Indigenous cosmopolitics: dialogues about the reconstitution of worlds, John E. Sawyer, Seminar on the Comparative Study of Culture, University of California Davis, 2013.

FELD, Stephen; BASSO, Keith (eds.) Senses of Place. Santa Fe: School of American Research Press, 1996

GROSSMAN, Larry. Man-environment relationships in Anthropology and Geography. Annals of the Association of American Geographers, n. 67, 1977.

HIRSCH, Erich; O'HANLON, Michael (eds.), M. The anthropology of landscape: perspectives on place and space. Oxford, Series: Oxford studies in social and cultural anthropology, 1995

INGOLD, Tim. The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York, Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Being alive: essays on movement, knowledge and description. London and New York, Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. The shape of the land. In. Arnason, A., Ellisson, N., Vergnust, Jo. E Whitehouse, M. (orgs.). Landscapes Beyond Land: Routes, Aesthetics, Narratives. Oxford, Berghahn Books, 2012.

IUBEL, Aline; SOARES-PINTO, Nicole. As T/terras e suas potências etnográficas. R@ U: Revista de Antropologia Social dos alunos do PPGAS-UFSCAR, v. 9, p. 7-13, 2017.

JANOWSKI, Monica; INGOLD, Tim (eds.) Imagining Landscapes: Past, Present and Future: anthropological studies in creativity and perception. Ashgate, Farnham, 2012.

JOHNSON, Lesley; HUNN, Eugene. *Landscape Ethnoecology: Concepts of Biotic and Physical Space*. Berghahn Books, 2012

MILTON, Kay. *Environmentalism and cultural theory: exploring the role of anthropology in environmental discourse*. London: Routledge Press, 1996

OLWIG, Kenneth R. *Landscape, culture and regional studies: connecting dots*. In: Castree, N. et.al. (eds.). *A companion to environmental geography*. Blackwell Publishing, 2009.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília. *Le système du lieu: usages et représentations de la terre chez les paysans du Sertão (Piauí-Brésil)*. Thèse de Doctorat en Anthropologie Sociale, Université Paris X-Nanterre, 1998.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília “Territorialidade: trajetória e usos do conceito”, *Revista Raízes*, no. 2, vol. 34, p. 8-16, 2014.

RIVAL, Laura. *Domesticating the landscape, producing crops, and reproducing society in Amazonia*. In *Convergence and emergence: towards a new holistic anthropology?* (eds) David Parkin and Stan Ulijaszek, 7290. Oxford: Berghahn Books.2007

SALTMAN, Michael (ed.). *Land and Territoriality*. New York, Oxford International Publishers, 2002

SAEZ, Oscar .C.; LENAERTS, Marc; SPADAFORA, Ana Maria. *Paraíso abierto, jardines cerrados: pueblos indígenas, saberes y biodiversidad*. Quito, Editora Abya Yala, 2004.

SANTOS GRANERO, Fernando. *Writing history into the landscape: space, myth, and ritual in contemporary Amazonia*. *American Ethnologist*, 25 (2), 1998, pp. 128-148.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

SILVEIRA, Pedro C.B. *Etnografia e questões socioambientais: esboço de uma antropologia simétrica da paisagem*. Recife, *Cadernos de Estudos Sociais* v. 23. n. 1-2 , 2007.

SILVEIRA, Pedro C.B. Híbridos na paisagem: uma etnografia sobre espaços de produção e de conservação. *Ambiente & Sociedade*, v. XII, n. 1, p. 83-98, 2009.

SILVEIRA, Pedro C.B. Conhecimentos científicos, conhecimentos locais e hibridismo: por uma etnografia simétrica da paisagem. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, v.3, n.1, jan.jun., p.212-235, 2011

TSING, Anna Lowenhaupt. *The Mushroom at the End of the World*. In: *The Mushroom at the End of the World*. Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIEIRA, José Glebson; AMOROSO, Marta; DE MATOS VIEGAS, Susana. Dossiê: Transformações das Territorialidades Ameríndias nas Terras Baixas (Brasil). *Revista de Antropologia*, v. 58, n. 1, p. 9-29, 2015.

PEDRO CASTELO BRANCO SILVEIRA – Pesquisador na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife-PE.

THIAGO MOTA CARDOSO – Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazona.

EMÍLIA PIETRAFESA DE GODOI – Professora Livre-Docente no Departamento de Antropologia da UNICAMP.